

VYGOTSKY: SUA TEORIA E A CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO

Eliane da Silva Lima
Universidade Estadual de Goiás

Jôsy de Souza Paixão Oliveira
Faculdade de Inhumas

Resumo: O presente artigo apresenta Lev Semionovich Vygotsky sua vida e obra, bem como seu teórico-metodológico sobre a aprendizagem e os desenvolvimentos de pessoas. Entender as suas percepções de mundo, como a cultura e relações humanas. O método escolhido para o desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, por meio do levantamento da seleção e análise do material publicado de acordo com o tema. Para isso faz-se necessário compreender o pensamento de Vygotsky e seus estudos que forma um conjunto de trabalhos elaborados pela Psicologia histórico-cultural. Pretende-se de entender as suas contribuições para a reflexão e construção de ideias no ambiente escolar, identificar a importância do professor compreendendo os pressupostos da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural, para o ensino e aprendizagem. Sendo assim, o ponto de partida do ensino resulta, nas aprendizagens que o professor já realizou em sua vida acadêmica e que o tornam apto a promover o desenvolvimento do pensamento de seus alunos.

Palavras chave: Psicologia histórico-cultural. Educação. Aprendizado escolar.

Introdução

Este artigo fundamenta-se nas ideias de Lev Vygotsky refletindo sobre a importância da sua teoria para o contexto escolar. Tendo como objetivo entender a história da sua vida, suas teorias contribuem e influenciam na Educação, tanto no ensino quanto na aprendizagem. Ao pesquisar sobre ele, despertou em mim a curiosidade de entender sobre algumas premissas que retratam em suas teorias como por exemplo, a teoria histórico-cultural, a formação social da mente, signo, instrumento, linguagem, e entre outros. Destacando a importância da teoria vigotskiana estar presentes no contexto escolar, tanto no ensino quanto na aprendizagem. E na própria teoria dele reforça alguns exemplos que são necessários para que a criança aprenda com a mediação do educador.

Vida e Obra de Lev Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky, nasceu em em 17 de novembro de 1896, em Orsha capital de Bielarus, no país da antiga União Soviética. E de família judia, morou com eles a maior parte da sua vida. Ele tinha oito irmãos e era o segundo filho. Seu pai trabalhava em um banco como chefe do departamento, tinha outro trabalho que era ser representante de uma companhia de seguros. A sua mãe, era professora, porém não atuava na função. Era uma família muito culta, além da biblioteca que ficava à disposição dos filhos para estudo e reuniões, debatiam vários assuntos. E com esse incentivo, Vygotsky interessou-se por várias áreas, além de aprender vários idiomas, também dedicava a leituras de literatura, poesia e teatro.

Segundo Oliveira (1993), até os 15 anos, Vygotsky teve em casa vários tutores particulares e depois ingressou na escola. Matriculou-se em Medicina na Universidade de Moscou e, paralelamente, estudou Direito, em 1914. Ele também, fez o curso de Filosofia, História, Psicologia, Literatura na Universidade Popular de Shanyavsky. Já em 1917 forma-se em Direito e volta para Gomel. Pesquisou, lecionou em diversas áreas tais como: psicologia, pedagogia, entre outras, também foi professor das áreas de deficiência física e mental. Atuou em diversas instituições de ensino e pesquisa, ao mesmo tempo em que lia, escrevia e dava conferência. E uma dessas conferências foi em 1924, no Congresso Panrusso de Psiconeurologia, quando foi convidado a trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou. É quando conhece Alexander Romanovich Luria e Alexei Nikolaievich Leontiev, seus seguidores, colaboradores, amigos que multiplicaram as obras de Vygotsky, pois eles:

Vygotsky, Luria e Leontiev faziam parte de um grupo de jovens intelectuais da Rússia pós-Revolução, que trabalhavam num clima de grande idealismo e efervescência intelectual. Baseados na crença da emergência de uma nova sociedade, seu objetivo mais amplo era a busca do 'novo', de uma ligação entre a produção científica e o regime social recém-implantado. Mais especificamente, buscavam a construção de uma 'nova psicologia', que consistisse numa síntese entre duas fortes tendências presentes na psicologia do início do século. De um lado havia a psicologia como ciência natural, que procurava explicar processos elementares sensoriais e reflexos, tomando o homem basicamente como corpo. [...] De outro lado havia a psicologia como ciência mental, que descrevia as propriedades dos processos psicológicos superiores, tomando o homem como mente, consciência, espírito' (Oliveira, pg. 22, 1993).

Vygotsky na busca de compreender cientificamente a formação dos processos psicológicos tipicamente humanos, dialogou com a pedagogia, ciência multidisciplinar que

tinha como foco de estudo a criança. Considerava essa ciência como sendo básica do desenvolvimento humano.

Mas ainda em 1924, ele casa-se com Roza Smekhova, onde tiveram duas filhas. Desde 1920 conviveu com a tuberculose, em 1925, fica gravemente doente de tuberculose, mas ele não para com sua carreira, então inicia um período de muitas conferências e pesquisas voltadas principalmente às crianças portadoras de deficiências visuais e auditivas, linguagem, psicologia, educação e questões teóricas, metodológicas relativas as ciências humanas. Escreveu em muitos trabalhos científicos, da neuropsicologia até crítica literária, por exemplo, a tese “A psicologia da Arte”, baseada em Hamlet, de Shakespeare foi concluída em 1929. Em 11 de junho de 1934 Vygotsky morre. E aos 37 anos de idade, muito jovem, deixou uma grande herança teórica, porém foi silenciada por quase meio século: em 1936, Josef Stalin acusa Vygotsky de idealismo e proíbe suas obras por 20 anos.

Enfim, em toda essa linha histórica da vida e obra de Vygotsky, trouxeram muitas contribuições para ciências, a educação, destacando algumas inquietações, reflexões sobre o desenvolvimento da aprendizagem e a construção do conhecimento. E uma dessas ponderações é a produção da cultura que tem como resultado nas relações humanas, que procura entender o desenvolvimento intelectual a partir das relações histórico-sociais, demonstrando que o conhecimento é socialmente construído pelas e nas relações humanas. Diante disso, vale ressaltar que é por meio das interações sociais que as pessoas desenvolvem as funções psicológica superiores.

A concepção histórico-cultural do ser humano: Vygotsky

Nas últimas décadas a psicologia histórico-cultural de Vygotsky, vem ganhando significativas expressões no campo educacional, tendo em vista suas inúmeras contribuições, que são de suma importância para o repensar da prática pedagógica, especificamente, em relação entre ensino e o desenvolvimento do psíquico humano. Sabidamente não será esgotado em profundidade os temas abordados nesse texto, pois esta tarefa supera os limites em um único texto, mas como aludido no título do presente artigo, serão apresentados fundamentos em vista a lançar luz a uma prática pedagógica comprometida com o máximo desenvolvimento dos professores e estudantes.

Mas antes de tratar sobre as contribuições de Vygotsky para o ensino e aprendizagem, precisa entender alguns estudos da corrente da Psicologia soviética autodenominada Histórico-Cultural, cuja referência principal é a obra de L.S. Vygotsky

A teoria histórico-cultural, mais conhecida no Brasil como Escola de Vygotsky, constituiu-se como uma vertente da psicologia que se desenvolvia na União Soviética, nas décadas iniciais do século XX. Os autores que autodenominaram sua corrente de pensamento como histórico-cultural tinham razões para isso: partiam do pressuposto de que o homem é um ser de natureza social. (Mello 2004. p.135)

Isso significa a origem do homem, e a ciências precisava explicar as suas singularidades que diferenciava de outros animais, ou seja, como o homem se forma desde o nascimento até a fase adulta, bem como a sua personalidade, inteligência, “a consciência humana que faz de cada pessoa um ser único e irrepetível” (grifo da autora).

Outras correntes da Psicologia não levavam em consideração a consciência, apenas tratava de alguns elementos do comportamento humano, considerando que a inteligência era uma “dádiva divina” que não poderia ser explicada pelas ciências. Vygotsky retomando os estudos de Karl Marx materialismo histórico-dialético, contradizia essa teoria enfatizando que os homens não são dotados de muita ou pouca inteligência, que não é a vontade divina que decide se tem pouca ou muita aptidão para arte, para música, por exemplos, ou que se são pobres ou ricos por um dom divino, “ser supremo”, mas sim por causa das condições materiais de vida educação e que são condicionadas pelo lugar que ocupa na sociedade, bem como nas relações sociais. Por isso dar-se o nome dessa corrente da Psicologia, mas para Vygotsky através de estudo e investigação dessa teoria, surgiram outras teorias e contribuições destacando a teoria histórico-cultural, como reforça Mello,

para a teoria histórico-cultural a criança nasce com uma única potencialidade, a potencialidade para aprende potencialidades; como uma única aptidão, aptidão para aprender aptidões; como uma única capacidade, a capacidade ilimitada de aprender e, nesse processo , desenvolver sua inteligência- que se constitui mediante a linguagem oral, a atenção, a memória, o pensamento, o controle da própria conduta, a linguagem escrita, o desenho , o cálculo- e sua personalidade- a auto- estima, os valores morais e éticos, a afetividade.(2004 p.136).

E cada ser humano é histórico-cultural, ou seja, o indivíduo desde a pré-história criou habilidades, capacidades e aptidões necessárias desenvolvidas em cada momento histórico, ao seu tempo foram internalizando as qualidades humanas disponíveis, necessárias para viver naquele momento e época. Claro que essas qualidades mudam em cada família, e grupo

social, pois cada um tem uma cultura, por vez, essa vem sendo criada ao longo da história através das coisas materiais como instrumentos de trabalho, as máquinas, objetos que são utilizados para várias atividades: roupas, utensílios de casa, etc. E as coisas que não são materiais define-se como costumes de um povo, da língua, dos conhecimentos.

Obviamente que esses objetos não existiam no começo da humanidade, mas ao longo da história foi se tornando possível, por causa da criação e produtividade que é específica do homem, definida como o trabalho. E com isso cada criança que nasce, está permeada de objetos, que escondem aptidões, habilidades e capacidades humanas que ali foram utilizadas para definirem os objetos, sendo modificada e aperfeiçoada a cada geração. Vale destacar que “cada novo ser humano reproduz para si aquelas capacidades, habilidades e aptidões que estão cristalizadas naqueles objetos da cultura a que tem acesso” destaca Mello 2004 (p.138).

Dessa forma, a criança em contato com o adulto, vai aprendendo a utilizar o objeto, a cultura, isto é, as “aptidões humanas estão cristalizadas nesses objetos quando ela aprende a realizar atividade adequada para qual o objeto foi criado” grifo da autora. Pois é necessário a mediação de uma pessoa mais experiente para ensinar a criança a usar o lápis de escrever, através da demonstração de como usar e também da instrução verbal, ela vai familiarizando com objeto e desenvolvendo a aprendizagem, nesse processo acontece o desenvolvimento histórico cultural, que é passado para outras gerações. Leontiev (1978, p. 4) em O Homem e a Cultura, ao defini-la destaca que “podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana.”

Segundo Vygotsky (1991), o homem possui natureza social visto que nasce em um ambiente carregado de valores culturais: na ausência do outro, o homem não se faz homem. Pois a convivência social é fundamental para transformação do homem biológico para o ser humano social, e a aprendizagem que nasce nas relações sociais contribui para construção dos conhecimentos que darão suporte ao desenvolvimento mental. Sendo assim, tanto Vygotsky, e seus seguidores Luria (2008) e Leontiev (1978) registraram em suas pesquisas às características biológicas asseguradas pela evolução natural da espécie são acrescidas outras, produzidas na história de desenvolvimento filogenético (que é a história do desenvolvimento do indivíduo) e não são transmitidas por hereditariedade, mas em sua história singular, delas. Ou seja, o que não é legado pela hereditariedade precisa ser adquirido por meio de um processo que é fundamentalmente, educativo, reforça Martins (2013 p.49).

Vygotsky dá um lugar de destaque para as relações de desenvolvimento e aprendizagem dentro de suas obras, pois com a teoria histórico-cultural, a educação deve garantir a criação de aptidões, que estão dadas nos objetos materiais e intelectuais na cultura. O professor tem um papel fundamental de mediar esses conhecimentos, pois os objetos da cultura só fazem sentido quando se aprende o uso social e só aprende quando a pessoa já sabe usá-la e ensiná-la a outra. Ao falar do conceito de mediação, Vygotsky, não quis dizer simplesmente como “ponte”, “elo” entre coisas; como aponta algumas interpretações. Para ele, a mediação é interposição que provoca transformações na instituição da imagem subjetiva da realidade objetiva ao disponibilizar os conteúdos simbólicos que lhe correspondem, a uma condição externa, inter psíquica, que, internalizada, acaba potencializando o ato de trabalho, seja ele prático e/ou teórico.

Conforme reforça Vygotsky, as funções psíquicas humanas, “como a linguagem oral, o pensamento, a memória, o controle da própria conduta, a linguagem escrita, o cálculo, antes de se tornarem internas ao indivíduo, precisa ser vivenciada nas relações entre as pessoas” (1988, p.141). Dito de outra forma a ação do professor é muito importante para direcionar de forma intencional a aprendizagem dos estudantes, ou seja, o professor precisa identificar elementos culturais que os alunos precisam assimilar e desenvolva o máximo de aptidões, capacidades e habilidades para serem criadas ao longo do tempo. De acordo com Martins a pedagogia histórico-crítica

em anuência com a psicologia histórico-cultural, a captação da realidade concreta e sua conversão em imagem subjetiva capaz de orientar o sujeito nela se identificam com a aprendizagem do universo de significações construído histórico-socialmente acerca da referida realidade, isto é, com a internalização de signos. Portanto, os signos outra coisa não são, senão, produtos do trabalho intelectual dos homens que se tornam ‘ferramentas’ ou ‘instrumentos’ pelos quais o próprio psiquismo se desenvolve e opera. Na qualidade de objetivação teórica, abstrata, os signos se impõem como dados para a apropriação por parte de outros indivíduos, de sorte que a historicidade humana se firma, também, como um processo de criação e transmissão de signos, isto é, como um processo mediado pelo ensino. (2013 p.57)

Vale ressaltar que o signo atua como um instrumento, que contribui na atividade psicológica de forma análoga na função de um instrumento de trabalho. E alguns psicólogos definiram a palavra instrumento como a função direta de um objeto como meio para ser realizar alguma atividade. Fazendo um paralelo para o ensino e aprendizagem, esses conceitos, podem-se afirmar que os signos estão para os conteúdos escolares, para o trabalho do docente e para as atividades mediadora.

É de suma importância frisar que a mediação acontece por meio de um profissional, por exemplo, o professor que cursou licenciatura tem a aquisição de conhecimento científico por meio da teoria e metodologia de ensino apreendido na graduação. E esses conhecimentos empíricos, são utilizados em sala de aula, através da mediação do grupo de trabalho: professor e aluno. Como respalda Gasparine Petenucci,

O conhecimento na perspectiva Histórico-cultural é construído na interação sujeito-objeto a partir de ações socialmente mediadas. Suas bases são constituídas sobre o trabalho e o uso de instrumentos, na sociedade e na interação dialética entre o homem e a natureza. Vygotsky dedicou-se ao estudo da evolução das funções psicológicas superiores, onde o conceito central é o da mediação, que assume papel fundamental, pois ela é o elemento efetivamente novo incluído na análise das funções superiores. Neste conceito a relação entre sujeito e objeto não acontece diretamente, mas sim é mediada por um elemento intermediário (2008, p.6).

Sendo assim, é preciso que o professor favoreça a interação e oriente a atividade, garantindo a troca e o cumprimento da tarefa. Para tanto, ele precisa ter planejamento antes, durante e após o processo, e reservar um bom tempo em sala para orientação.

Percebe-se que toda atividade precisa tem uma intencionalidade na vida do estudante e o docente precisa refletir sobre isso em seus planejamentos. Para Vygotsky nem toda atividade realizada em sala de aula gera aprendizagem e nem toda aprendizagem é promotora de desenvolvimento. Muitas das atividades que o professor entrega para os estudantes, não desperta o interesse para o aprendizado, pois o mesmo não percebe nenhum significado no ensino daquele determinado conteúdo para a sua vida cotidiana. Como o docente tem conhecimentos empírico, mais experiências, precisa interagir com a criança/ estudante de forma mais criativa, construtiva, reflexiva, para que a aprendizagem do mesmo aconteça de forma efetiva. Reforça Gillen

pode-se argumentar que a noção de zona de desenvolvimento próximo é pouco mais significativa do que a de uma situação de aprendizagem apresentada a uma criança, na qual adultos e/ ou crianças mais avançadas têm direta ou indiretamente uma influência positiva sobre a criança" (2000, p.193-194).

Mas se sabe que ainda hoje alguns professores relutam perante a questão da transmissão de experiência e conhecimento à criança, preferindo ficar na zona de conforto em depositar conhecimento, pois é mais cômodo ficar na reprodução do conhecimento de forma tradicional. Ao fazer uma aula diferenciada, o estudante deve ser o protagonista da sua aprendizagem, destacando em no processo de ensino o histórico-cultural, isso cerceia o

desenvolvimento de sua autonomia intelectual. E as aprendizagens meramente mecânicas que indiscutivelmente ocorrem no dia-a-dia das salas-de-aula na atualidade, não seriam elas uma apresentação de que a imitação ou reprodução tradicional de conteúdo não impulsiona o desenvolvimento intelectual do indivíduo? É preciso repensar a prática pedagógica, fazer um diagnóstico se o estudante está aprendendo, ou se está meramente reproduzindo conteúdo e sendo imitado pelo mesmo. Precisa ficar evidente que é objetivado na maioria das vezes caracterização como aprendizagem meramente de imitação onde se destaca alguns aspectos mais aparentes do conhecimento estudado, aspectos esses que perdem sua significação ao serem aprendidos de forma dissociada dos processos intelectuais que estão na sua origem, como por exemplo contexto-histórico cultural, social. Gasparin fundamenta sua que a proposta teórica Histórico-cultural de Vygotsky.

Ressalta a importância de contextualizar primeiramente os saberes do educando, pois sua aprendizagem inicia-se bem antes do contato escolar. O objetivo é despertar a consciência crítica do aluno sobre o que ocorre ao seu redor. Este momento de conscientização é mediado pelo professor que, “a partir da explicitação da Prática Social Inicial, toma conhecimento do ponto de onde deve iniciar sua ação”. A partir da leitura do cotidiano, tomada como um objeto de estudo, é o momento de problematizar o que os alunos vivenciam. O objetivo deste procedimento é despertar a consciência crítica do educando sobre o “seu” contexto social, instigando-o a questionar a realidade ao qual se insere. Assim, transformada em uma proposta didática, a problematização servirá como conteúdo a ser analisado e estudado (2002, p.258).

Por isso vale ressaltar a importância da mediação descrita como processo pelo qual a ação do estudante sobre o objeto de ensino é mediada pelo professor, por isso a necessidade do docente que seja proativo na construção do seu trabalho educativo.

Vygotsky reforça que o professor que avalia o estado do desenvolvimento da criança, que não deve levar em conta somente as funções desenvolvidas, mas também aquelas em processo de desenvolvimento. O autor apresenta que ao analisar o desenvolvimento de uma criança é necessário não se deter naquilo que já amadureceu, é preciso captar também aquilo que ainda está em processo de formação. Para isso, de acordo as suas pesquisas classificam os níveis de desenvolvimento em duas categorias: o nível de desenvolvimento atual e a zona de desenvolvimento próximo, ou desenvolvimento proximal. Ou seja, a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) para Vygotsky, significa que o distanciamento da criança entre seu desenvolvimento real. Onde é determinada por meio da solução independente de problemas e o nível de seu desenvolvimento potencial, e que é determinado por meio da solução de problemas, sob a orientação de uma pessoa adulta, podendo também ter

colaboração de crianças mais experientes. Esse conceito ZDP é mais aplicado na educação, pois é na zona de desenvolvimento proximal que deve acontecer a intervenção pedagógica do professor.

Pois segundo Vygotsky, o aprendizado permite ao indivíduo a maturação das suas funções psicológicas propiciando o seu desenvolvimento. E na Teoria Histórico -Cultural o psiquismo, apresenta com imagem subjetiva da realidade objetiva, isto é, acaba formando imagem do mundo real na mente humana, e é nesse desenvolvimento de funções psíquicas que promove a apropriação do conhecimento, nesse momento que a aprendizagem acontece. Segundo Vygotsky essas funções psíquicas estão classificadas em duas categorias: a primeira é caracterizada como funções elementares, que são funções biologicamente identificadas e a segunda função é classificada como funções superiores, remete as atividades que perpassam pelo caminho orgânico ao inorgânico, podendo descrever como o pensamento para a apropriação da cultura humana.

No qual define que o desenvolvimento atual de uma criança, é aquele que pode ser analisado, verificado através de testes apontado em sua teoria, nos quais a criança consegue resolver de forma independente. Já a zona de desenvolvimento próximo abarca tudo aquilo que a criança não faz sozinha, mas consegue fazer imitando o adulto. Vygotsky (1993, p.238-9) apresenta o exemplo de duas crianças que revelaram o mesmo nível de desenvolvimento atual, no caso, ambas com uma idade mental de oito anos. Portanto, naquilo que elas conseguiam fazer sozinhas, encontravam-se no mesmo nível de desenvolvimento. Mas, no que se refere aos problemas resolvidos com a ajuda de um adulto, uma das crianças conseguia resolver problemas que atingiam a idade mental de nove anos, enquanto que a outra conseguia resolver problemas até a idade mental de doze anos. Diz então Vygotsky (1993):

Essa divergência entre a idade mental ou o nível de desenvolvimento atual, que se determina com a ajuda das tarefas resolvidas de forma independente, e o nível que alcança a criança ao resolver as tarefas, não por sua conta, mas sim em colaboração, é o que determina a zona de desenvolvimento próximo. [grifos do autor] (p.239).

É importante destacar que o nível de desenvolvimento de uma criança, deve ser caracterizado por aquilo que já consegue fazer sozinha e por aquilo que ela consegue fazer com a ajuda de outras pessoas. Um aspecto de fundamental importância é o das consequências desse conceito para a relação entre desenvolvimento e aprendizagem escolar. Vygotsky critica a aprendizagem que se limite ao nível de desenvolvimento atual e postula que o bom ensino é

justamente aquele que trabalha com a zona de desenvolvimento próximo. Vejamos o que Vygotsky (1993), diz acerca da aprendizagem escolar,

quando observamos o curso do desenvolvimento da criança durante a idade escolar e no curso de sua instrução, vemos que na realidade qualquer matéria exige da criança mais do que esta pode dar nesse momento, isto é, que está realiza na escola uma atividade que lhe obriga a superar-se. Isto se refere sempre à instrução escolar sadia. Começa-se a ensinar a criança a escrever quando, todavia, não possui todas as funções que asseguram a linguagem escrita. Precisamente por isso, o ensino da linguagem escrita provoca e implica o desenvolvimento dessas funções. Esta situação real se produz sempre que a instrução é fecunda. (...) Ensinar a uma criança aquilo que é incapaz de aprender é tão inútil como ensinar-lhe a fazer o que é capaz de realizar por si mesma. (p.244-5).

Note-se nessa citação o exemplo da alfabetização, onde Vygotsky mostra claramente que o que provoca o desenvolvimento da criança é o fato desse conteúdo da aprendizagem exigir dela, criança, a utilização de capacidades ainda não está formada, estando na zona de desenvolvimento próximo. Se a alfabetização trabalhasse apenas com aquilo que já está formado, se ela não apresentasse à criança exigências que não podem ser por ela atendidas naturalmente, então essa aprendizagem se limitaria ao nível de desenvolvimento atual. Na relação entre desenvolvimento intelectual e aprendizagem escolar, temos a mediação do papel desempenhado pelo ensino, humanização das pessoas.

Considerações finais

Conforme exposto nesse texto, a teoria Lev Semenovich Vygotsky postula que às características biológicas no indivíduo são asseguradas pela evolução da espécie e que também são ampliadas em outras, de formas que são produzidas na história de cada indivíduo e sua singularidade por decorrência da vida social, do meio em que está inserido. Sendo assim, segundo ele essas características seriam, próprias de cada desenvolvimento humano, chamando-as de funções psíquicas superiores. Na qual esse desenvolvimento do psiquismo humano e suas propriedades, não tem resultado de uma “complexificação natural evolutiva, mas, da própria formação cultural dos indivíduos” reforça Vygotsky.

Onde vale ressaltar que a apropriação dos signos no universo simbólico, acaba se edificando sob a forma de conceitos e de estudos que foram realizados ao longo das suas pesquisas. E com isso cabe à educação escolar, bem como ensino e aprendizagem dos estudantes, elevar continuamente a apropriação dessas premissas que foram elencadas no

texto, ao serem trabalhadas na sala de aula, elevando alcances que superem a heterogeneidades da vida cotidiana.

Destacando a internalização de signos ao nível científico-técnico já alcançado pela humanidade, é importante conduzi-las a um nível consideravelmente superior, onde são tarefas fundamentais impostas à educação escolar, tencionando a construção do conhecimento que torna o real efetivamente acessível e também atingível para todos os alunos. É na aceitação e no uso dessas propostas no ensino escolar opera no desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

Portanto, ao afirmar que a função precípua do ensino é transmissão de conhecimento clássicos, universal, para Vygotsky a aprendizagem precisa promover desenvolvimento do pensamento do estudante. Por isso é importante que a escola atribui aos estudantes à apropriação, da experiência histórico-social, dos conhecimentos produzidos historicamente e já existentes objetivamente no mundo no qual o indivíduo vive. E que a Psicologia Histórico-Cultural considera os processos de aprendizagem, conscientemente dirigidos pelo educador, como qualitativamente superiores aos processos espontâneos de aprendizagem.

Referências

GASPARIN, J. L. PETENUCCI, M. C. **Pedagogia Histórico Crítica: da teoria à prática no Contexto escolar**. 2008, p. 1-16. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf> . Acesso em: 27 abril. 2021.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: AutoresAssociados, 2002.

Gillen, J. **Versions of Vygotsky**. *British Journal of Educational Studies*. 2000,p. 193-194.

LEONTIEV, Alexis. **O homem e a cultura**. In: Lisboa: Horizonte, 1978.

MARTINS, Lígia Marcia. **Fundamentos da Psicologia Histórico- Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas. p.41- 79, 2013. Disponível em: <http://ead.bauru.sp.gov.br/efront/www/content/lessons/78/Fundamentos%20da%20PHC%20e%20da%20PHC%20-%20MARTINS.pdf>. Acesso em 27/04/2021.

MELLO, Suely A. **A escola de Vygotsky**. In: CARRARA, Kester (org.). *Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens*. 1 ed, São Paulo: Avercamp, 2004 (9ª reimpressão 2014)

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, Ícone/EDUSP, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Sobre as autoras:

Eliane da Silva Lima

Cursando o mestrado em Educação; Especialista em Psicopedagogia-UEG; Trabalho na Secretaria de Estado de Educação - Brasil; PPGE da Faculdade de Inhumas- FacMais, mestrado em Educação. E-mail: elianylina@hotmail.com

Jôsy de Souza Paixão Oliveira

Pós graduada em Psicopedagogia Trabalho na Secretaria de Estado de Educação - Brasil; PPGE da Faculdade de Inhumas- FacMais, mestrado em Educação. E-mail: josy.oliveira@facmais.edu.br